

## Um Feminino a Fiar-se Outramente à Luz da Deconstrução

### Une Femme à Fiez-vous Autrament la lumière de la déconstruction

**Roseli Gonçalves da Silva**  
**Mestranda do PPGF-UFU**  
**Orientanda da Professora Dra. Geórgia Amitrano**

**Resumo:** Tecer pensamentos acerca do feminino como questão filosófica, consoante Jacques Derrida, está no para fora e no para dentro do gênero: um feminino que se põe a fiar-se *outramente*. Tal reflexão nos instiga a buscar, no *métier* desconstrucionista, elementos para se pensar o feminino para além da distinção sexual, e que parta deste *outro* ente - a mulher. A questão que ora se faz pertinente é: como pensar nesse feminino como um outro que se fia cotidianamente, à procura de sua composição. O presente artigo é construído a partir do diálogo com Jacques Derrida e Virgínia Woolf.

**Palavras-chave:** Outro; feminino; Mulher; desconstrução.

**Résumé:** Tissage réflexions sur le féminin comme question philosophique, comme Jacques Derrida, est à l'extérieur et l'intérieur du genre: une femme qui obtient de tourner un autre. Cette réflexion nous invite à regarder les éléments déconstructionniste métier pour penser au-delà de la distinction sexuelle féminine, et laisser cette autre entité - la femme. La question devient alors pertinente est de savoir comment les femmes pensent de ce que l'autre qui s'appuie quotidienne, la recherche de sa composition. Cet article est fondé sur le dialogue avec Jacques Derrida et Virginia Woolf .

**Mots-clés:** autre; femme; femme; deconstruction.

“... e pensei em como é desagradável ser trancada do lado de fora; e pensei em como talvez seja pior ser trancada do lado de dentro...”<sup>1</sup>

Tecer pensamentos acerca do feminino como questão filosófica consoante Jacques Derrida, está no para fora e no para dentro do gênero. Um feminino que se põe a fiar-se outramente. Tal reflexão nos instiga a buscar no “*métier*” desconstrucionista elementos para se pensar um feminino que parta deste *outro* ente - a mulher – que fia-se no tempo e no espaço através dos séculos. A questão que ora se faz pertinente é: como pensar nesse feminino como um outro que fia-se à procura de sua composição?

Vislumbramos, pois, um feminino que emerge para além da diferença sexual, a transpor binariedades e a apontar para uma gama de infinitas possibilidades de diferenças e possibilidades de afastamento de oposições binárias. Uma vez que aquilo que.

Derrida chama de feminino, por exemplo, está para além da mulher, está para além da distinção sexual homem-mulher: é o fim da distinção polar e a abertura para uma pluralidade de sexualidades. Enquanto se manter preso a um discurso classificatório, seja nos discursos machistas dos heterossexuais masculinos ou nos discursos libertários das feministas ou dos homossexuais, ainda assim se estará insistindo em divisões dualistas tais como a metafísica tradicional sempre impôs. Sob este prisma, *o feminino* não é “a mulher”, mas sim a possibilidade de se lidar com a ausência da verdade fálica e masculina; é a possibilidade do desconhecido e do novo e, por isso a chance de se pensar para-além de qualquer classificação sexual, seja hetero, trans, homo, metro, ou mesmo, pansexual<sup>2</sup>.

Nesta passagem Haddock-Lobo nos chama atenção para as infinitas possibilidades de trilhas que Derrida nos

---

<sup>1</sup> WOOLF, 1928, p.31

<sup>2</sup> HADDOCK-LOBO, 2007, p. 69

aponta, a partir de um *feminino* que está para muito além de quais sejam as diversas possibilidades de classificação sexual. Mas voltemos à premente questão a que se refere este artigo, qual seja, partir deste outro ente - a mulher. Não pretendo aqui ater-me a estatísticas ou dados puramente históricos; outrossim, buscar na obra de Virgínia Woolf, *Um Teto Todo Seu*, elementos que nos ajude a compor tal tessitura. Em seu ensaio, Virgínia lança um olhar sobre a condição feminina e examina o quanto a estrutura patriarcal, opressora e anuladora aprisionava as mulheres em suas *teias* por meio de imposições. E analisa ainda, o quanto esta opressão impediu o desenvolvimento da mulher – sobretudo o intelectual.

No decurso de sua obra, Virgínia Woolf dialoga com vários autores que descrevem as mulheres de formas tanto paradoxais. Por vezes, as mulheres eram descritas pelos poetas e dramaturgos em suas ficções enquanto “muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto os homens e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção”.<sup>3</sup> Pois, na realidade, ainda às mulheres era negado todo e qualquer acesso às mais diversificadas formas de atividades intelectuais – e até mesmo sociais - dentre as quais, escrever. Uma vez que elas, não recebiam incentivo para desenvolverem suas habilidades artísticas.

Em *Um Teto Todo Seu*, a autora nos apresenta a visão dualista dos homens em relação às mulheres, que nos permite perceber através de suas descrições, duas mulheres: a real, subjugada e insignificante e a imaginária, a heroína... E, assim, é possível enxergar à sombra espectral do poder opressor do falo, a mulher se põe a fiar-se..., num infundável movimento cíclico, tal qual uma *roda de fiar*. Buscando tecer sua história através de sua conquista de emancipação. Fato ao qual desde sempre toda a sociedade patriarcal se opôs.

---

<sup>3</sup> WOOLF, 1929, p. 55

“A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres talvez seja mais interessante do que a história da própria emancipação”<sup>4</sup>. Como sugere a própria autora nesta passagem, seria este, tema para se escrever *um livro divertido*. Mas assim como ela, também nós, por hora, não nos ateremos a este tema.

Voltemos pois ao cerne de nosso trabalho, a saber, um feminino que se fia outramente à luz da desconstrução a partir da *mulher*. Mas a mulher não como ser em constante oposição ao homem, mas sim, o que se formaria a partir de uma completa anulação da verdade fálica. Somente então, poderíamos dar início a um cíclico e permanente processo de Desconstrução. Para tanto, faculta-nos buscar na obra de Jacques Derrida a compreensão dos conceitos – ou quase conceitos ou não conceitos - de Desconstrução. Onde o filósofo propõe o duplo gesto, qual seja: inversão e deslocamento.

Tradicionalmente, o que se percebe em constantes tentativas de deslocamento são construções de novas estruturas hierárquicas, onde um primeiro – que se encontra em estado de privilégio – é rebaixado para que um segundo – que ocupa posição inferior subjugada – possa deslocar-se e inverter sua posição em detrimento do primeiro. Também a mulher, que historicamente desempenhava papel inferior, desloca-se e inverte sua posição em detrimento do outro sexo, ocupando um lugar que julga ser seu por direito - *adquirido a duras penas* [grifo meu]. E dessa feita, o movimento de inversão se finda nesse gesto único, qual seja, a troca de lugar. Mantendo-se assim, a dominação de um sexo sobre o outro. Trocam-se os atores, mas as personagens continuam eternamente... O filósofo Jacques Derrida, para evitar tais riscos, propõe um “duplo gesto no pensamento da desconstrução:” movimentos simultâneos de inversão e deslocamento, nos quais promove a inversão não como forma de sobreposição, mas como uma maneira de reconhecer o valor daquele que se encontrava historicamente

---

<sup>4</sup> WOOLF, 1929, p.69

rebaixado. Portanto, esclarece que “deslocar-se é, antes de mais nada, não se fixar a identidades”.

Assim, Duque-Estrada vai pontuar que, quando esse movimento de deslocamento se completa, não é em direção a um novo conceito ou a conceito com novas identidades, mas a um “multiplicar de identidades”, o que de fato interessa a desconstrução. A desconstrução, para manter-se fiel à tarefa que se propõe, não poderia se agenciar a nenhum tipo de identidade fixa. Nem pode estar a serviço de disputas políticas pela busca ou pela imposição de uma verdade<sup>5</sup>.

É exatamente para não se fixar a identidades, para encontrar *o seu não lugar*, que a personagem Ofélia, de Hamlet Machine, como que num grito de auto-socorro rebela-se e rompe com tudo que a cerceia. Fazendo nascer uma incessante busca pela compreensão de um *outro conceito, um não conceito ou um quase conceito* de feminino. Este feminino visto pela ótica da *alteridade*, também passível de ser encontrado na obra de Jacques Derrida.

Em seu monólogo, que em momento algum pretende registrar-se como voz de um movimento feminista ou qualquer outro movimento que se faça pertinente, ela nos ilumina com seu desejo de libertação:

Eu sou Ofélia. Aquela que o rio não conservou. A mulher na forca. A mulher com as veias cortadas. A mulher com excesso de dose. SOBRE OS LÁBIOS NEVE [*grifo do autor*]. A mulher com a cabeça no fogão a gás. Ontem deixei de me matar. Estou só com meus seios, minhas coxas, meu ventre. Rebento os instrumentos do meu cativo – a cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar. Escancaro as portas para que o vento possa entrar e o grito do mundo. Despedaço a janela. Com as mãos sangrando rasgo as fotografias dos homens que

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, 2009, p. 34

amei e que se serviram de mim na cama, mesa, na cadeira, no chão. Toco fogo na minha prisão. Atiro minhas roupas no fogo. Exumo do meu peito o relógio que era o meu coração. Vou para a rua, vestida em meu sangue (MÜLLER, 1987, p.27 )

Diante do exposto, como pensar nesse feminino como um *outro* que fia-se à procura de sua composição? E qual seria essa composição? Para pensá-la é necessário consoante Derrida, uma vigília constante como requisito indispensável à desconstrução - que abarca o movimento do duplo gesto: inversão e deslocamento.

A discussão que se faz pertinente, ainda se percebe envolta a binariedade, onde a questão do gênero ganha destaque na cena contemporânea. No cenário onde reinava apenas o desejo ‘do outro sexo’, onde o único governante era o falo, a mulher se põe a fiar-se cotidianamente, e a partir de atos revolucionários começa a adentrar esse espaço *sagrado*, dominado apenas por costumes paternalistas. Pois, para desconstruir, é preciso antes existir. Não como mera repetição do conhecido, do velho revestido de novos formatos, outrossim, do nascimento de uma nova verdade, de um novo ente. A mulher então vem se consagrando dia após dia como parte desse cenário outro, através de cíclicos processos de *iniciação*, e, paulatinamente, começa a desenhar suas próprias trilhas, pensar seus próprios pensamentos, e, num ato de severa ruptura, abandona – ou pelo menos busca abandonar – a retrospectiva do pensar através de sua mãe.

Virginia Woolf fazendo alusão à literatura, por exemplo, afirma que “sem dúvida, a literatura elisabetana teria sido muito diferente do que é se o movimento feminista tivesse começado no século XVI e não no XIX” <sup>6</sup>. E nos instiga a refletir:

---

<sup>6</sup> WOOLF, 1928, p. 123

Pois as mulheres têm permanecido dentro de casa por todos esses milhões de anos, de modo que a essa altura as próprias paredes estão impregnadas por sua força criadora, que, de fato, sobrecarregou de tal maneira a capacidade dos tijolos e da argamassa que deve precisar atrelar-se a caneta e pincéis e negócios e política. Mas esse poder criativo difere em grande parte do poder criativo dos homens. E é preciso que se conclua que seria mil vezes lastimável se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os homens, pois se dois sexos são bem insuficientes, considerando-se a vastidão e variedade do mundo como nos arranjáramos com apenas um? (WOOLF, 1928, p. 109)

Embora Woolf demonstre reconhecer o inestimável e histórico valor do movimento feminista enquanto ato revolucionário no processo de libertação da mulher, ao que se percebe nesta passagem não nos parece endossá-lo. Ao contrário, a autora em seus escritos critica a educação por “revelar e fortalecer as similaridades, e não as diferenças”. Parece-nos que também ela, assim como Derrida, não acredita na mera repetição de uma sobreposição de um sexo ao outro, ou mesmo sua anulação, como por vezes nos fora apresentado pelo movimento feminista.

Eu diria que a grande contribuição do feminismo ao discurso filosófico contemporâneo é a valorização, sim, da diferença, mas não a diferença como simples oposição binária entre masculino e feminino, mas a diferença como um processo de diferenciação que se dá a cada vez. (RODRIGUES, em entrevista ao IHU On-Line).

E assim, a partir deste processo de diferenciação proposto por Carla Rodrigues, é possível acreditarmos ter acesso ao fio condutor de todo esse processo de composição da mulher. Uma tessitura que se dá em virtude das diferenças, e não do massacre das infinitas possibilidades em função de um

poder único, da manutenção deste poder que impera em todo o processo histórico e cultural envolvendo a questão do gênero.

Há, pois, a necessidade do retorno, não como regressão, mas como possibilidade de libertação, de início da individuação. Uma fuga em direção ao novo a partir do que se encontra dado, estabelecido, estratificado. Apenas quando partimos do já então conhecido, podemos nos abster das possibilidades de incorrer nas mesmas repetições. Derrida, em *Margens da Filosofia*, nos alerta para a questão da necessidade do *escutar-se* enquanto experiência absolutamente normal, tanto quanto absurda e impossível. E seria talvez em alguma fenda encontrada nesta impossibilidade, o surgimento de um importante ponto de partida.

Portanto, é possível perceber, a partir da filosofia de Jacques Derrida, as condições para se pensar o feminino *outramente* numa incessante e possível busca pelo caminho do meio, no qual a *teoria-pensamento* cede lugar à *prática-experiência*. E, assim, encontrar fendas entre tempo e espaço onde tudo (ou nada) acontece em um *porvir* que oscila entre passado e futuro, mas que ‘não é presente, que é real e imaginário, suave e forte, masculino e feminino...’. Tal fenda também pode ser entendida como *rastro*, ou seja, aquilo que está apto a substituir uma presença, que em momento algum se fez presente, um começo de nenhum começo.

Neste sentido, me valho das palavras de Virgínia Woolf quando a autora afirma que “se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há nenhum braço onde nos apoiarmos, mas que seguimos sozinhas e que nossa relação é para com o mundo da realidade e não apenas para com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade surgirá...”<sup>7</sup>. Assim quando a autora nos pede que ganhemos dinheiro, e que tenhamos um teto todo nosso em verdade, o que ela realmente quer de nós, mulheres, é que vivamos em presença da realidade. Mas uma realidade que está para muito além das questões

---

<sup>7</sup> WOOLF, 1928, p. 138

temporais, que está entre e além do para fora e do para dentro das questões filosóficas acerca do feminino, que cotidianamente se põe a fiar-se em busca de sua composição.

## Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Niza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995 a.

\_\_\_\_\_. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães; Revisão Técnica Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1991.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). *Às Margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2002.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o Labirinto de Inscrições*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

MÜLLER, Heinner. *Quatro textos para teatro: Mauser. Hamlet Maquina. A missão. O quarteto*. Tradução de Fernando Peixoto; Renato Meastrinel. São Paulo: Hucitec, 1987

RODRIGUES, Carla. *Coreografias do feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Editora Nova Fronteira S.A, 1928.

